

Resenha:

Tradução, Comparatismo e Estudos Interartes

Review:

Tradução, Comparatismo e Estudos Interartes

Urbano Cavalcante Filho 

Instituto Federal da Bahia, Ilhéus, Brasil

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Brasil

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

urbanocavalcante@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1429-5300>

Recebido em: 03/10/2022 | Aprovado em: 12/11/2022



Na contemporaneidade, com as variadas produções discursivas e artísticas entremeadas por diversas mídias e códigos, mesclando linguagens, a exemplo da pintura, da televisão, do cinema, da pintura, do teatro e da literatura, temos visto aumentar estudos e discussões em torno do entendimento dessas semioses, principalmente no escopo dos trabalhos voltados à tradução, às interartes e às intermedialidades. Nesse cenário, então, a perspectiva comparativista de se analisar essa gama múltipla de linguagens e semioses, em diferentes línguas e culturas, tem se apresentado promissora, do ponto de vista teórico-metodológico e analítico nos estudos dos discursos e da cultura.

Nesse contexto, o ano de 2022 foi contemplado com a publicação de uma obra que se enquadra nessa esteira de estudos e interesses. Trata-se da publicação da obra *Tradução, Comparatismo e Estudos Interartes*, uma coletânea que agrupa trabalhos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros interessados nas discussões que giram em torno da tradução, da literatura comparada, da intermedialidade e dos estudos interartes. A obra publicada pela Pontes Editores representa uma iniciativa dos coordenadores e membros do Grupo de Pesquisa GELCON (Estudos de literatura contemporânea: comparatismo, tradução e interartes), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Seus organizadores, Camila Paula Camilotti, Claudia Marchese Winfield, Marcos Hidemi de Lima, Mariese Ribas Stankiewicz, Mirian Ruffini e Wellington R. Fioruci, são professores do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), atuantes nas disciplinas de Estudos da Tradução, Teoria Literária, Literatura Brasileira, Literatura Comparada, Linguística Aplicada, Língua Inglesa e suas Literaturas.

Contando com um excelente conselho editorial, assinado por pesquisadores de ponta das nossas universidades brasileiras, a exemplo de Angela B. Kleiman, Eni Puccinelli Orlandi (Unicamp), Edleise Mendes (UFBA), José Carlos Paes de Almeida Filho (UnB) e Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (UFMG), só para citar esses, a obra apresenta ao leitor 15 trabalhos em torno dos estudos tradutórios, interartísticos e de literatura comparada, que, sob diferentes enfoques teóricos, metodológicos e analíticos, investigam obras de línguas e culturas variadas. Os 15 capítulos que compõem a obra (que é aberta com uma *Apresentação* e finalizada com uma *Biobibliografia dos autores*, pesquisadores do Brasil e do exterior) são distribuídos em 3 eixos, assim nomeados pelos organizadores: *Estudos da Tradução, Literatura Comparada e Intermedialidade e Estudos Interartes*.

A primeira seção do livro é dedicada aos estudos da *Tradução*. Cinco capítulos integram essa primeira parte da obra dedicada à análise de traduções/adaptações de diferentes aspectos de obras/textos. São elas: “Tradução como subversão: *The hunt* e *That is called loneliness* - duas propostas tradutórias resistentes”, “*Macbeth* e suas reescritas: as relações entre textos e sentidos na tradução, adaptação, encenação e intermedialidade”, “*O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde: interfaces do mito e o romance em sua tradução”, “Alice traduzida ou adaptada? Tradução e adaptação de Monteiro Lobato da obra *Alice Adventures in Wonderland*” e “*Disney’s success in Latin America: a case of translation?*”.

O primeiro capítulo, “Tradução como subversão: *The hunt* e *That is called loneliness* – duas propostas tradutórias resistentes”, de autoria de Baiana Presotto e Claudia Marchese Winfield, toma como objeto de análise os processos de tradução, por elas considerada “resistente e inovadora”, de duas obras de Lygia Fagundes Telles, “*The hunt*” e “*That is called loneliness*”, traduzidas respectivamente por “*A caçada*” e “*Que se chama solidão*”. Nesse estudo, a partir das reflexões da teoria do polissistema de Even-Zohar (1990) e da perspectiva da tradução estrangeirizante de Lawrence Venuti (1995; 2002), além de mostrar as duas propostas de traduções comentadas e estrangeirizadas das obras de Telles, as autoras destacam a importância do papel dos tradutores, que oportuniza a leitores de língua inglesa o acesso às obras de uma escritora que não tem seus trabalhos amplamente traduzidos para o inglês.

O segundo capítulo da seção, “*Macbeth* e suas reescritas: as relações entre textos e sentidos na tradução, adaptação, encenação e intermedialidade”, de autoria de Maíra Castilhos e Marina Bento Veshagem, é dedicado ao estudo das reescritas do texto dramático shakespereano *Macbeth*. No escopo dessas releituras – aí pensadas especialmente a tradução, a adaptação e a encenação teatral e suas interações com diferentes mídias –, as autoras se propõem a questionar e problematizar as noções de *fidelidade* e de *original* para discutir possibilidades de releituras de um determinado texto que, no caso em estudo, é o texto dramático de 1606 do dramaturgo William Shakespeare e suas variadas traduções/reescritas ao longo do tempo.

“*O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde: interfaces do mito e o romance em sua tradução” é o terceiro capítulo dessa primeira seção de Tradução. De autoria de Kélen da Silva Melo e Mirian Ruffini, o objetivo do estudo é investigar a configuração psicológica bem como os arquétipos míticos/mitológicos das personagens do romance *O retrato de Dorian Gray*, tomando seu texto originário, escrito por Wilde em 1891 e a tradução feita por Paulo Schiller em 2012, publicado pela editora *Penguin*. A partir de textos teórico-críticos dos estudos da tradução e das referências do mito de Narciso, na análise comparada dos aspectos psicológicos das personagens, as autoras mostraram que a tradução respeitou características do texto fonte de Wilde, oportunizando ao leitor do texto traduzido uma leitura mais próxima do texto fonte, elevando “o valor da tradução como um importante instrumento capaz de eternizar uma obra e seu autor no cânone mundial” (p. 83).

Mirian Ruffini também assina o capítulo seguinte, dessa vez em coautoria com Nathalia Ferreira Terres. O capítulo intitulado “*Alice* traduzida ou adaptada? Tradução e adaptação de Monteiro Lobato da obra *Alice Adventures in Wonderland*” se dedica a analisar a primeira tradução literária feita por Monteiro Lobato para o português da obra de Lewis Carroll de 1864, “*Alice Adventures in Wonderland*”. Novamente, estamos diante de um estudo comparado, cujo objetivo das autoras é analisar as possíveis relações intertextuais entre a tradução feita por Lobato e a narrativa de Carroll, tomando como foco de comparação as personagens Alice (de Carroll) e Emília (conhecida personagem das histórias de literatura infantil brasileira escritas por Monteiro Lobato). Ao considerar aspectos da tradução linguística e cultural, as autoras centram sua questão de pesquisa na problemática em torno da aproximação feita na adaptação

(ou “tradução domesticante”?) feita por Lobato de Alice a partir das características da personagem brasileira Emília.

Finaliza a primeira seção dedicada aos trabalhos de tradução o capítulo de Odile Cineros, intitulado “Disney’s sucess in Latin America: a case of translation?”, cujo foco de análise são os lançamentos dos filmes da Disney na América Latina. Nesse estudo, a autora se dedica a comparar as traduções e dublagens desses filmes para o português brasileiro e para o espanhol latino-americano, destacando, nas análises, que o sucesso e boa recepção desses filmes dos estúdios Disney em terras sul-americanas se devem, em grande parte, ao excelente trabalho de tradução e dublagem, por meio do exímio desempenho de tradutores, compositores e intérpretes.

A segunda seção do livro é dedicada à *Literatura Comparada*. Também composta por 5 capítulos, o leitor encontrará estudos sobre *Malévola* (de Linda Woolverton), *The Cordelia Dream* (de Marina Carr) e *Rei Lear* (de William Shakespeare), *Luciola* (de José de Alencar) e *Lucas Procópio* (de Autran Dourado), *A chave do tamanho* (de Monteiro Lobato), *Alice no país das maravilhas* (de Lewis Carroll) e *As viagens de Gulliver* (de Jonathan Swift).

O capítulo “Ternura e criatura: uma análise da desconstrução de Malévola, de Linda Woolverton”, de autoria de Camila Amanda Rossoni e Mariese Ribas Stankiewicz, ancorado nos estudos do feminino e do feminismo, se dedica a investigar o processo de adaptação da obra *A Bela Adormecida no bosque* (*La Belle au Bois Dormant*, de 1697) para o cinema, mais precisamente, da desconstrução empreendida por Linda Woolverton da personagem Malévola para o filme homônimo de 2014, a partir da animação de *A Bela Adormecida* (1959). Assim, o estudo, baseado nas elaborações de Julie Sanders, de Linda Hutcheon (2006) e, principalmente, na noção de desconstrução de Jacques Derrida (2005 [1972]), oportuniza uma reflexão que mostra a comparação entre a personagem bruxa do desenho infantil e a personagem do longa-metragem. Alinhando-se, portanto, aos estudos que se dedicam a mostrar outras facetas e características atribuídas às figuras femininas em textos, o trabalho acaba dando vozes a mulheres, revisando e reinterpretando valores, perspectiva que vem se tornando mais comum nos estudos culturais contemporâneos.

“Alguma coisa entre o amor e a morte: considerações sobre o diálogo entre *The Cordelia Dream* e *Rei Lear*” é o segundo capítulo da segunda seção de autoria de Mariese Ribas Stankiewicz. Esse estudo compara a peça da irlandesa Marina Carr (*The Cordelia Dream*, publicada pela *Faber and Faber* de 2008) e a complexa e contemporânea tragédia *Rei Lear* (1605-1606), de William Shakespeare, em sua versão traduzida por Barbara Heliodora, em 2011. Alicerçada nos conceitos bakhtinianos de dialogismo e heteroglossia, a autora mostra como se dão as interações dialógicas entre os dois enredos, flagrando semelhanças e diferenças em vários pontos das peças teatrais, “sua dinamicidade, contemporaneidade e possibilidade de compartilhamento de discursos, ideias ou temáticas, como, certamente, acontece entre *The Cordelia Dream* e *Rei Lear*” (p. 169-170).

Viviane Carvalho da Anunciação é a autora de “Scottish and Brazilian concrete poetry: scientific exchahnges”, capítulo dedicado ao estudo comparado das produções de poetas concretistas escoceses e brasileiros. Na busca de observar como o uso do discurso científico se manifesta nos movimentos concretistas de poetas de duas línguas e culturas distintas, a autora se debruça sobre uma discussão que envolve uma abordagem dialógica interdisciplinar entre discurso científico e literário, entre ciência e literatura, mostrando como os discursos vanguardistas do pós-guerra se materializaram nos poetas Augusto e Haroldo de Campos, Edwin Morgan e Ian Hamilton Finlay.

Já o estudo comparativo de Ivonete Dias e Marcos Hidemi de Lima objetiva analisar a representação da mulher brasileira em dois romances *Lucíola* (José de Alencar, de 1862) e *Lucas Procópio* (de Autran Dourado, de 1985), a partir das personagens Lúcia/Maria da Glória e Isaltina. Sob o título “Mulheres à margem da sociedade”, o contexto do estudo comparativo é o século XIX, cuja observação se dá na influência exercida pelo período histórico e pelo espaço ocupado pela mulher na sociedade em que viviam nessa época. Com a pesquisa, os autores discutem sobre os mais variados modos com os quais o preconceito se manifestava socialmente em relação aos padrões de comportamento das figuras femininas que fugiam às expectativas e jugo do modelo masculino patriarcal vigente na época.

Essa seção dedicada à Literatura Comparada finaliza com o estudo de Thiago Alves Valente intitulado “A miniaturização em *A chave do tamanho*: atualizando estudos comparatistas”. Nesse estudo, seu autor argumenta sobre a importância das atividades de uma perspectiva comparada entre textos no âmbito dos estudos literários, o que oportuniza observar como este “é fundamental para se compreender o funcionamento do sistema literário, inclusive para que a crítica construa parâmetros sobre a produção deste ou daquele momento histórico” (p. 223). O empreendimento analítico feito pelo autor sobre a noção de miniaturização recai sobre a obra infantil de Monteiro Lobato, *A chave do tamanho*, cuja primeira edição é de 1942.

Atendendo a uma demanda contemporânea, cujos estudos sobre arte estão fortemente relacionados com as novas formas da tecnologia midiática, variados diálogos e relações têm oportunizado o surgimento de múltiplas obras e, conseqüentemente, tem aumentado o interesse sobre o entendimento de como se dá a construção dessas obras. Nessa terceira parte do livro, o leitor se depara com mais 5 trabalhos, dessa vez numa sessão dedicada à *Intermedialidade e Estudos Interartes*. Compõem os variados *corpora* das 5 pesquisas dessa última seção uma montagem teatral de uma obra shakespeariana; um conto português e sua comparação na adaptação cinematográfica; poesias inglesas na observação de seus pactos visuais; série televisiva, um conto e um filme numa análise comparativa e, por fim, um longa-metragem.

Com o fito de analisar a produção brasileira teatral *Hamlet no Kabuki*, o trabalho de Adriano Mafra e Camila Paula Camilotti, intitulado “*Hamlet no Kabuki*: uma abordagem japonesa para a encenação da peça shakespeariana no Brasil”, toma a montagem em todas as fases pelas quais passa o texto dramático ao ser levado ao palco, ou seja, desde o texto original, concretização linguística, concretização dramaturgica, concretização cênica e concretização

receptiva, como sustenta Paris (2010), um dos pressupostos teóricos que sustenta as análises dos autores. Essa montagem, dirigida por Carmen Fossari, encenada em 2013 em Florianópolis-SC, baseada na estética do teatro *kabuki*, se destaca por dois aspectos: pela sua originalidade e pela construção cênica do espetáculo, argumentam os autores, na medida em que a montagem de *Hamlet* traz características e elementos da dança e do teatro japoneses, notadamente do *kabuki*, tornando, assim, uma referência na dramaturgia nacional contemporânea.

Ainda sob a perspectiva da comparação, em “*O ponto de vista das gaivotas: um pesadelo de Ana Teresa e Alfred Hitchcock*”, Gregório Foganholi Dantas apresenta um estudo em torno de um conto e uma cinematografia. São escolhidos para essa empreitada de estabelecimento de um diálogo interartístico, o conto “O ponto de vista das gaivotas”, da escritora portuguesa Ana Teresa Pereira, e a cinematografia do diretor inglês Alfred Hitchcock. Nesse estudo intermediário, são observados os recursos intertextuais que a autora lança em sua narrativa a partir das influências e os procedimentos que Hitchcock utiliza no cinema.

A escolha dos autores Javier Sánchez Zapatero e María Marcos Ramos em seu texto “*Patria, de la literatura a la televisión*”, é a série televisiva da HBO espanhola, criada por Aitor Gabilondo chamada *Patria* (de 2020). Esse estudo intermediário, que objetiva traduzir intersemioticamente uma obra literária para uma produção de linguagem audiovisual, direciona sua atenção na observação das diferentes representações ficcionais e de escolhas de adaptação que a série televisiva apresenta a partir do romance homônimo de Fernando Aramburu, que serviu de base para sua construção.

“Violência, sujeitos ex-cêntricos e autorreflexividade: sobre *A coleira do cão e Amores perros*”, de autoria de João Pedro Faccio Cardoso e Wellington R. Fioruci, é o penúltimo capítulo da seção. Novamente, temos um estudo interartístico que propõe um estudo entre literatura e cinema. Os autores tomam o conto “A coleira do cão”, do escritor Rubem Fonseca, e o filme “Amores Perros” (na tradução “Amores Brutos”) do diretor Alejandro González Iñárritu, para empreender uma análise comparativa sob o prisma da poética do pós-modernismo sobre a violência urbana a qual estão submetidos os sujeitos, analisando “a presença da paródia e da autorreflexividade como características de obras sobre o ex-cêntrico e o marginal no pós-modernismo” (p. 289).

O último estudo que compõe a coletânea é o “*Donnie Darko: um caleidoscópio pós-moderno*” de Rafaela Lampugnani e Wellington Ricardo Fioruci. Sob o prisma da poética da pós-modernidade, ao analisar e explicar o processo de transposição do roteiro *Donnie Darko* (1997), escrito pelo diretor estadunidense Richard Kelly, para a obra cinematográfica homônima, dirigida também por Kelly (2001), os autores voltaram seus olhares para a identificação dos elementos da ficção científica com contornos psicológicos e de crítica social que marcam presença nas referidas obras.

Diante dos estudos apresentados nessa coletânea, fica evidente o crescimento de produções que dialogam diferentes semioses, diferentes linguagens, diferentes mídias. Dessa forma, observamos que falar de arte contemporânea é um desafio para os estudiosos, na medida

que ela tem sido forjada com a contribuição e mescla cada vez mais múltipla e complexa de diferentes materiais semióticos, notadamente os digitais. Assim, mais desafiador se torna para a academia e para os estudiosos buscar explicar como esses produtos são construídos, que sentidos transportam, que diálogos estabelecem. Nesse sentido, essa obra *Tradução, comparatismo e estudos interartes* cumpre uma finalidade importante e atualíssima: o de trazer empreendimentos investigativos que reivindicam consistentes repertórios teóricos, colocam em debate reflexões epistemológicas de variados campos e abrem possibilidades analíticas em torno de diferentes fenômenos culturais, materializados nas semioses literária, cinematográfica, audiovisual, teatral, televisiva, etc., nas suas fusões, complementaridades e/ou indissociabilidades.

São 15 textos, pois, que, escritos em português (em sua maioria), mas também em inglês e espanhol, oportunizam aos leitores o conhecimento sobre diferentes trabalhos realizados sob a perspectiva da inter/trans/multidisciplinaridade, operando sempre com mecanismos e procedimentos dialógicos e comparativos, em maior ou menor grau. Um dos destaques da obra que vale sua leitura diz respeito à variedade de objetos de análise, materializada em diferentes produções (contos, romances, filmes, poemas, séries). Sobre esses materiais plurissemióticos, os pesquisadores promovem reflexões, problematizam conceitos, reivindicam mudanças de paradigmas no entendimento dos fazeres e dizeres nas diferentes artes.

Enfim, esta obra, ao suscitar a curiosidade de pesquisadores de diversos campos do saber interessados nas questões do diálogo e da intermedialidade, das fronteiras e dos contatos, poderíamos sintetizar o escopo da obra ora resenhada na seguinte tríade: “diálogos-relações-comparações”; afinal, estamos falando de objetos que estão no lugar do “entre”, e o “entre” é central na escolha do *corpus*, na definição da metodologia e na representação analítica de se entender os diferentes fenômenos dos estudos constantes da obra, enquanto objetos culturais, produzidos por sujeitos sociohistoricamente situados em suas diferentes línguas-culturas. Assim, de maneira acertada, tanto o título da obra quanto seu conteúdo, dialogam perfeitamente com este número da revista *Linha D'Água* que chega aos leitores em seu volume 35, número 3, confirmando que na contemporaneidade o campo dos diálogos, das relações e das comparações, enfim, das combinações, é rico e frutífero.